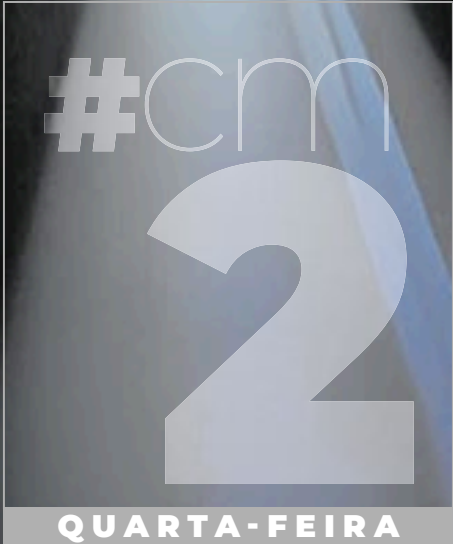




Com a magia de Piaf



Com **atuação deslumbrante**, a atriz e cantora Laila Garin **protagoniza o musical**
‘Piaf - Eu Não Me Arrependo’, em cartaz no Teatro Riachuelo Rio. A grandiosa
produção da Aventura mergulha em todas **as fases da atribulada vida desta que foi**
a maior diva da ‘chanson française’. Página 2



A atriz e cantora Laila Garin passou por meses de preparação vocal para reproduzir o tom anasalado da diva francesa

Uma ave sem gaiolas

Em cartaz no Riachuelo Rio, musical 'Piaf - Eu Não Me Arrependo' destaca a personalidade marcante da grande dama da chanson française

AFFONSO NUNES

Após temporada de sucesso em São Paulo, o musical "Piaf - Eu não me arrependo", estrelado por Laila Garin no papel de Édith Piaf, segue em cartaz no Teatro Riachuelo Rio, A montagem, com dramaturgia de Newton Moreno e Alessandro

Toller e direção de Sergio Módena, explora a rebeldia da grande dama da chanson française, uma ave canora que recusou todas as gaiolas colocadas diante de si.

Gigante em cena, Garin é acompanhada por orquestra sob direção musical de Cláudia Elizeu e por 12 atores, e dá voz a 'La Vie en Rose', 'Hymne à l'Amour', 'Padam, Padam', 'Milord' e 'Non, Je Ne Regrette Rien'. A produção é da Aventura, de Anieli Jordan e Luiz Calainho, com a qual a atriz e cantora reprisa a parceria de 'Elis, A Musical', montagem na qual reviveu a voz de Elis Regina. Neste ano, Laila completa 30 anos de carreira.

"Contar a história de Piaf em um musical é falar sobre vencer o destino que nos é imposto, mas celebrar a força feminina, a solidariedade e a vida inspiradora de uma mulher que superou todos os desafios e que jamais se arrependeu de suas escolhas", analisa Anieli Jordan, diretora artística da produtora.

A preparação de Garin para o papel passou por meses de trabalho com a fonoaudióloga Silvia Pinho e a professora de canto Amélia Gomes, para reconfigurar a emboca-

“No caso de Piaf, acho que a voz é o que mais existiu ali. É através da voz que ela diz o quanto não quer morrer e o quanto ama desesperadamente a vida”**”**

LAILA GARIN

dura e alcançar a ressonância nasal característica do timbre francês. "No caso de Piaf, acho que a voz é o que mais existiu ali. É através da voz que ela diz o quanto não quer morrer e o quanto ama desesperadamente a vida", resume a atriz.

Édith Giovanna Gassion nasceu em Paris, em 19 de dezembro de 1915. Criada entre um bordel, uma caravana circense e um bairro de classe trabalhadora, foi descoberta cantando na rua. Em 1935, nas esquinas de Pigalle, atraiu a atenção do dono de cabaré Louis Leplée, que a levou ao Le Gerny's, nos Champs-Élysées, ensinou-lhe as técnicas de palco e a rebatizou: "La Môme Piaf", o pequeno pardal.

Durante a ocupação da França

pelos alemães, na Segunda Guerra, Piaf continuou cantando; o musical registra também seu envolvimento com a Resistência francesa. Em 1945, escreveu "La Vie en rose". Em 1947, fez seu primeiro show nos Estados Unidos. Em 1948, conheceu o pugilista Marcel Cerdan, campeão mundial dos pesos-médios, com quem teve um grande romance e que morreria no ano seguinte, em acidente de avião, quando viajava para reencontrá-la em Nova York. Em sua memória, Piaf gravou "Hymne à l'amour" e "Mon Dieu".

Abalada pela morte do companheiro e com fortes dores de reumatismo, passou a fazer uso da morfina e do álcool. Em 1951, sofreu um grave acidente de carro, foi

submetida a várias cirurgias e a novas injeções de morfina e, mesmo fragilizada, realizou apresentações históricas no Olympia, em Paris, e no Carnegie Hall, em Nova York.

Depois de um romance com Charles Aznavour e de um casamento de quatro anos com Jacques Pills, envolveu-se com o cantor Georges Moustaki, ao lado de quem sofreu novo acidente de carro, em 1958, com traumatismo craniano que fragilizou de vez sua saúde. Em 1960, interpretou "Non, je ne regrette rien", que se tornou um de seus maiores sucessos e dá título ao espetáculo. Sem condições de retomar a carreira, retirou-se para o sul da França, onde viveu os últimos dias ao lado do marido, Théo Sarapo, e de sua enfermeira. Morreu em 10 de outubro de 1963, aos 47 anos. A morte foi anunciada no dia seguinte — o mesmo dia em que morreu seu grande amigo, o poeta Jean Cocteau, e o jornal Parisien Libéré estampou em primeira página: "A morte de Edith Piaf matou Jean Cocteau".

Sob cenografia de André Cortez, a montagem percorre a vida de Piaf desde a infância pobre em Paris até a consagração mundial. Laila gosta de citar uma máxima da personagem: "Se eu fosse obedecer ao que queriam de mim, não existiria Edith Piaf".

SERVIÇO

PIAF - EU NÃO ME ARREPENDO

Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Cinelândia)
Até 1º/11: quintas e sextas (20h), sábados (16h e 20h) e domingos (15h)
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 300

Uma xícara de chá e cuidado

Canção da pernambucana Isadora Melo torna-se receita contra a intolerância em single gravado em belo dueto por Zélia Duncan e Mônica Salmaso

AFFONSO NUNES

Disponível desde segunda-feira (19) nos aplicativos de música, “Proposta para um Estado Crítico” chega ao público, às vésperas de uma nova eleição, como uma receita de afeto e solidariedade para tempos de intolerância. Assinada pela pernambucana Isadora Melo e cantada em dupla por Zélia Duncan e Mônica Salmaso, a canção recomenda o cuidado mútuo em versos como “eu cuido de você / e você cuida de mim / e dou-lhe de cortesia / chá de flores de jasmim”.

A ideia da gravação partiu de Salmaso, que descobriu o trabalho de Isadora Melo e se encantou com suas composições — “Proposta para um Estado Crítico” ficou na memória. Tempos depois, ao reencontrar a

música num vídeo nas redes sociais, veio a vontade de gravá-la ao lado de Duncan, com quem divide uma relação de afeto e compromisso com a palavra cantada. “Além da felicidade imensa de juntar nossas vozes, acho que é um encontro em nome desse chamado. A Zélia tem um comprometimento com o texto, com a palavra dita, uma relação de verdade com aquilo que canta”, conta Mônica.

“A Mônica diz que quer cuidar de mim, mas, na verdade, a gente quer que o país cuide de si, que cuidemos uns dos outros. Esse é o chamado, explica Zélia.”

Em tempos de acirramento político por toda parte, a canção prefere a cortesia simbolizada no chá de flor de jasmim, “um remédio para cada maladia”.

No estúdio, a produção musical é de Teco Cardoso, também responsável pelas flautas; Maria Beraldo assina clarinete e clarone; Salmaso



Mônica Salmaso e Zélia Duncan nos intervalos da gravação da faixa

acrescenta o shruti e sons feitos com corda de violão e pincel. Gravação de Tó Brandileone, mixagem e masterização de Ricardo Mosca, produção fonográfica Duncan Discos.

O clipe, no ar no YouTube das duas artistas, tem a grife do premiado diretor e fotógrafo Walter Carvalho, responsável pela fotografia de filmes como “Central do Brasil”, “Lavoura Arcaica”, “Carandiru”, “Abril Despedaçado” e “Terra Estrangeira”, entre outros. O projeto reúne imagens dele com registros das artistas em estúdio, feitos por Nathaly Assis, também autora da capa.

Isadora Melo nasceu no Recife em 1989, filha de atriz e cantor. Passou pelo grupo de choro Arabiando e pela Orquestra Contemporânea de Olinda, excursionou com o Cordel do Fogo Encantado em 2018 e, do desejo de compor despertado pela turnê, nasceu “Anagrama” (2022), disco que lhe rendeu indicação ao Prêmio da Música Brasileira de 2023 como intérprete regional.

A paulistana Mônica Salmaso estreou profissionalmente em 1989, no “O Concílio do Amor” de Gabriel Villela, venceu o Prêmio Visa MPB de canto em 1999 e, em

2015, o Prêmio da Música Brasileira de melhor cantora de MPB, com “Sedutora” premiada como melhor canção.

Nascida em Niterói e criada em Brasília, Zélia começou a se apresentar profissionalmente aos 17 anos. Mas foi com sua versão em português para “Catedral”, de Tanita Tikaram, lançada em 1994, que a cantora tornou-se nacionalmente conhecida. Desde então, acumulou discos de ouro e platina, duas indicações ao Grammy Latino e o título de melhor cantora no Prêmio da Música Brasileira.

CRÍTICA DISCO

BRAZILIAN SUITE Nº 5 FOR BASS, TROMBONE AND CELLO

AQUILES RIQUE REIS*

Hoje vamos de “Brazilian Suite Nº 5 for Bass, Trombone and Cello” (Azul Music), novo álbum do compositor João Marcondes. Inovador, Marcondes vem com uma formação camerística singular: um baixo-trombone e o violoncelo, do Música Viva São Paulo, duo formado pela violoncelista Marialbi Trisolio e pelo trombonista Darrin C. Milling.

Os temas de Marcondes me dão a sensação de que hoje não estou lastimando o que me fez desesperançar, mas estou pensando em como agir diante dos tempos ainda mais tenebrosos que poderão vir. Aos temas:

“Canção” vem como o vento impelindo meus olhos à frente, já que amanheceram olhando para trás, para o dia macabro que já vinha pintando há anos, sem que entendêssemos corretamente a sua carantonha. O som que hoje escuto diz o

que não vejo, mas sinto: estou firme como uma rocha... de papel (rs). Parece que levei um soco na cara!

E vem “Choro”: o duo mostra a força profunda dos graves da música, que lança um facho de luz e revela o que (ainda) não consigo ver. Mas logo verei!

Agora, ouço “Xote”, cujo arranjo tem o espírito alegre do gênero. Aliás, mais uma vez, vê-se que o Nordeste é a cara do Brasil!

“Marcha-Rancho”: a sutileza do tema seduz pela repetição que intercala tempos rítmicos a outros que envolvem a característica do rancho.

“Coral” vem como as vozes hoje entristecidas – mas não para sem-

Música para ouvir e parar de sofrer (aos meus pais)



Divulgação

pre! O trombone baixo e o cello amalgamam-se em desenhos de melodiosa esperança.

A seguir, “Choroso” tem o cello dedilhado numa única corda, até que o trombone traga sua sonoridade, contrastando com a do vio-

loncelo. O arranjo reforça o vigor poético do gênero que é nosso – será que Tio Sam vai querer colonizá-lo? Meu Deus!

“Lamento” fecha a tampa. O trombone soa como um alerta. Sua potência antecede o cello que toca a melodia de admirável riqueza. Sua opulência mostra que o arco que escorrega pelas cordas, como um cobertor a abrigar do frio, aquece os que têm a ventura de ouvir a música de João Marcondes e do Duo Música Viva São Paulo, recompondo-os, graças à esperança renovada.

Carentes de aconchego que amenize a tristeza decorrente do tempo sombrio que hoje espatifou

portas e sonhos, jogando dúvidas lancinantes sobre o futuro ser ainda pior do que já é. Terrivelmente real, faremos o quê?

Ora, cientes dos antecedentes criminosos dos fascistas, aceitaremos que o ruim fique ainda pior? Ou vamos fazer como um dia disse José Mujica: “A única derrota que existe é cruzar os braços!”

Ouç a álbum completo em <https://sl1nk.com/651b7g7>

Ficha técnica

Compositor: João Marcondes; intérpretes: violoncelo: Marialbi Trisolio e baixo-trombone: Darrin C. Milling (Duo Música Viva São Paulo); produção de estúdio: João Marcondes (Estúdio Arsis); engenharia de gravação, mixagem e masterização: Adonias Jr. (Estúdio Arsis); selo: Azul Music.

*Vocalista do MPB4 e escritor

John Turturro, o mão-leve

Aos 69 anos, o ator e diretor rouba corações do público de 'O Último Batedor de Carteiras', um thriller cheio de charme que veio de Sundance e da Berlinale, com foco no Oscar



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A pesar de sua histórica devoção a narrativas mais interessadas no risco do que no lucro, a Mostra de São Paulo nunca deixou de lado seu interesse por títulos que podem ganhar o Oscar lá nos Estados Unidos, como se deu com o trabalho exemplar do evento para badalar "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles, em 2024. Este ano, um ímã para vencer estatuetas se impõe como um sucesso no gosto do público paulistano: "O Último Batedor De Carteiras" ("The Only Living Pickpocket in New York"), de Noah Segan (EUA).

Seu principal chamariz é John Turturro, que atua num estado de graça neste thriller charmoso. Tem uma sessão a mais dele no dia 26, no Cultura Artística, às 14h10. No encerramento da maratona de Essepê (dia 29), esse estudo sobre malandragem (à moda romântica) volta a ser projetado, às 13h30, no Solar



John Turturro emprega toda a sua experiência em 'O Último Batedor de Carteiras', sensação da Berlinale

Petrobras.

Aos 69 anos, Turturro tem um Emmy, conquistado por seu trabalho na TV, na série "Monk", e ganhou o Caméra d'Or de Cannes por seu longa de estreia como dire-

tor, "Mac", em 1992.

"Eu só vislumbro uma única constante na vida da gente: a certeza de que ela muda", declarou Turturro à Berlinale, onde "O Último Batedor de Carteiras" foi exibido fora de concurso, vindo de uma elogiada passagem por Sundance. "O cinema independente que se fazia

nos anos 1960, a partir de mestres como John Cassavetes, é diferente do que se faz hoje, sobretudo nos EUA. Mas a arte, perante todas as transformações deste mundo atual, encontra sempre o seu caminho por meio da liberdade".

Sob a direção de Segan, o eterno Barton Fink dos Irmãos Coen,

consagrado nos anos 1990 por sua habilidade crítica no retrato das idiossincrasias americanas, vive um ladrão profissional que "mete" a mochila de um bad boy (Will Price), sem saber que se trata de um mafioso. Entre os pertences que o gatuno "bateu", há um chip que conduz seu portador a segredos (leia-se \$) do crime organizado. Dali pra diante, caímos numa mistura do Scorsese de "After Hours" (1985) com os Irmãos Safdie de "Jóias Brutas" (2019) que se desenhava como um conto moral sobre o quão dura pode ser a vida da malandragem e também como uma carta de amor pra Nova York. Giancarlo Esposito, Steve Buscemi, Karina Arroyave e uma impecável Jamie Lee Curtis integram o elenco deste poema crepuscular.

"Eu conheci facetas muitos diferentes de Nova York, porque existem diferentes mundos dentro daquela cidade tão famosa, que tem empurrado muitas pessoas para fora, na relação com quem circula por suas ruas", disse Turturro ao Correio da Manhã na Berlinale. "O ladrão que eu interpreto está ligado a um debate sobre luta de classes, um tema recorrente nas minhas escolhas. Gosto de interpretar pessoas que desempenham trabalhos manuais".

Fala-se muito de Oscar para a principal atração da Mostra nesta quarta: o sul-coreano "Amor Possível" ("Possible Love"), que garantiu o Grande Prêmio do Júri a Lee Chang-dong no 83º Festival de Veneza. A sessão será às 18h, no Espaço Petrobrás, com repeteço neste domingo, às 20h40, no Cultura Artística. O enredo do novo trabalho do artesão autoral por trás de "Poesia" (2010) e "Burning" (2018) trata do encontro de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário.

Prêmio Humanidade para Marco Bechis

Homenagem antecede exibição de 'Retorno a Buenos Aires, novo longa do realizador ítalo-chileno

Vítima das intolerâncias ditatoriais da América do Sul, o cineasta ítalo-chileno Marco Bechis receberá nesta quinta-feira (22), na 50ª Mostra de São Paulo o Prêmio Humanidade, uma honraria concedida anualmente pelo evento, numa celebração da empatia e da solidariedade. Esses dois substantivos servem de base para a filmografia do diretor, que recebe a honraria, às 18h30, no Cultura Artística.

A homenagem inaugura a sessão de "Retorno a Buenos Aires", seu novo longa-metragem, antes exibido em competição pelo Leão de Ouro no Festival de Veneza,

onde venceu o prêmio independente Francesco Pasinetti.

Essa coprodução com o Brasil acompanha o calvário de Mariano Guerra (Adriano Giannini), que regressa à Argentina após 33 anos na Itália, a fim de testemunhar no julgamento dos militares responsáveis por seu sequestro, tortura e humilhação durante a ditadura. A juíza que cuida do caso é vivida pela paulista Paula Cohen, filha de uruguaios.

Esse enredo tem ressonâncias biográficas: Bechis foi preso em 1977 pelo regime argentino e posteriormente deportado para a



Marco Bechis foi perseguido pela ditadura chilena

Europa, terra de seus ancestrais. A experiência marcou sua trajetória e alimentou narrativas como "Garage Olimpo" (1999), sobre uma jovem ativista sequestrada e torturada. A relação do realizador com a Mostra atravessa décadas. Em 2008, seu badalado "Terra Vermelha" abriu a 32ª edição do festival, que também abrigou o trabalho dele em "Mundo Invisível".

Em sua 50ª edição, a maratona cinematográfica segue até 29 de outubro, reafirmando o espaço do cinema como instrumento de memória e reflexão sobre as feridas da História. (R.F.)



Paulo Betti é o intelectual que colhe memórias, palavras e espectros em 'Pitico', um Bressane pop



Titã do cinema de invenção no Brasil, o cineasta reafirma sua relação com a palavra no ensaio em P&B 'Pitico', protagonizado por Paulo Betti

Fotossíntese de Bressane

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Pouquíssimos realizadores latino-americanos mantêm presença internacional tão constante quanto Julio Bressane, que, depois de levar "Pitico – Hermes Ayres Azevedo (1881-1959) – Historiador da Província" ao Filmfest München, apresenta, nesta quarta, na 50ª

Mostra de São Paulo, este que é um dos filmes mais delicados de sua produção recente. No Festival do Rio, sua projeção – numa única sessão – foi um acontecimento, incendiando um debate a um só tempo metafísico e material. É uma discussão sobre a dicotomia entre a finitude e o perpétuo. A exibição em telas paulistas será às 18h40, no Reserva Cultural 2. No dia 28, às 17h30, tem uma exibição na Cinemateca Brasileira.

Em janeiro, o octogenário cineasta já havia oferecido uma espécie de balão de ensaio dessa investigação espectral ao abrir a Mostra de Cinema de Tiradentes (MG) com o curta "O Fantasma da Ópera". Agora, Paulo Betti encarna (com sagacidade) Hermes Ayres Azevedo, historiador apaixonado por cartas, documentos, palavras e árvores, cuja morte converte a fantasmagoria típica do diretor de "O Anjo Nasceu" (1969) num assumido filme de fantasma.

Bressane brinca até com códigos de "Invocação do Mal" (2013), mas submete o terror à sua particular semiologia. A quietude monástica da narrativa encontra enorme força na engenharia sonora de Bressane, Rodrigo Lima e Damiano Lopes, responsável também pela edição de som e mixagem, enquanto a fotografia rigorosa de Pablo Baião transforma corpos, interiores e vegetação em signos a serem decifrados. Betti, por sua vez, reduz os gestos quase a uma coreografia de botão e faz do olhar a principal morada de Pitico. O intelectual coleciona registros de sua cidadezinha e faz de sua casa uma espécie de museu para espectros de Brasis passados. Num corte temporal, quando um fofo casal se instala naquele lar (numa composição divertidíssima de Josy Antelo e Claudio Mendes), o fantasmilha nada camarada de Pitico se faz notar, movendo uma cadeira de balanço e dando susto nos vivos. Há um resgate de pérolas radiofônicas no filme, como o programa do Herói do Sertão, Jerônimo. Tudo isso faz de "Pitico" um Bressane em estado puro. Cada fotograma carrega uma liberdade lírica que recusa qualquer gramática domesticada pelo mercado, numa fotossíntese de seu jardim de signos. No âmbito da produção nacional em relevo na Mostra nesta quarta, um .doc briga pelo afeto da população paulistana: "O Gesto Entre Nós", dirigido por Roberto Bomtempo. Passa às 16h, no Cinesystem Frei Caneca. É um retrato sentimental dos criadores da companhia de teatro gestual Dos à Deux, Arthur e André. Mais do que um documentário sobre formas de criar no palco, é uma love story.

DICAS DE QUARTA

POR **RODRIGO FONSECA**



IRON BOY ("Le Corset"), de Louis Clichy (França/ Bélgica): Esta delicada animação ganhou prêmio especial na mostra Un Certain Regard de Cannes. Tudo se passa na zona rural da França, onde Christophe tenta corresponder às expectativas de seu pai na fazenda da família. No entanto, o menino começa a se inclinar e desaba num trator. Um médico encontra a solução: Christophe terá que usar um colete de ferro para se manter ereto. Onde e quando: Cine Belas Artes Leon Cakoff 1, 14h30



O HOMEM MAIS SOLITÁRIO DA CIDADE ("The Loneliest Man in Town"), de Tizza Covi e Rainer Frimmel (Áustria): A Berlinale fez do austríaco Alois Koch um novo Charles Chaplin, ao incluir este filmaço na briga pelo Urso de Ouro. É uma espécie de "Luzes da Cidade" pós-moderno, entre o documentário e a fabulação, sobre a cruzada desse Carlitos do Blues numa rotina de shows que tiveram as plateias escasseadas. Onde e quando: Cinesystem Frei Caneca 2, às 17h30.



MULHER DESCONHECIDA ("Unknown Woman"), de Mary El-Toukhy (Dinamarca/ Suécia): Ganhador do Leão de Ouro, este drama de época afinado às lutas feministas ampliou o cacife da diretora de "Rainha de Copas" (2019). A produção saiu de Veneza com uma outra láurea de peso, dada à sua protagonista, Mathilde Arcel: a estatueta de Melhor Atriz. O enredo filmado por May se passa em solo dinamarquês imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Onde e quando: Cinesystem Frei Caneca 1, 20h.

ENTREVISTA | ANTÔNIO TORRES
ESCRITOR

‘Sou de uma geração muito bem lida’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

mortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde participa de uma mesa-redonda nesta quinta-feira, às 17h30, para festejar os 50 anos de seu romance mais célebre - “Essa Terra” -, o baiano Antônio Torres certa vez recordou, em entrevista ao Correio da Manhã, que assistiu a “Vidas Secas” (1963) em São Paulo, “num cinema cheio de nordestinos... migrantes como eu”. Essa lembrança é o gatilho de uma identificação regional, geopolítica e poética. “Aquele jovem que eu fui, ali, naquela hora, queria ter ficado lá em Sampa, com aquele povo, que era igual a ele e entendia suas dores e seus sonhos, mas tinha passagem comprada para o Rio e precisou partir”.

Após um périplo que passa por Copacabana, Lisboa, Itaipava e Flamengo, o escritor se fez um gigante da nossa literatura de ficção, com romances aclamados como “Meu Querido Canibal”, “Um Táxi Para Viena d’Austria” e “Querida Cidade” em seu currículo a um só tempo campeão de vendas e cultuado pela crítica.

Esse casamento de sucesso, raro em nossa pátria, consagrou-se mundo afora com as muitas versões de “Essa Terra” para outros idiomas. Suas páginas narram a história de Nelo, que decide migrar de Junco (atual Sátiro Dias), no sertão baiano, para São Paulo. Cada parágrafo tinge de realismo a tragédia dessa ave migratória de pés no chão, com sonhos desfeitos pela cidade grande - que o atrai e depois expulsa impietosamente.

Neste 22/10, na ABL, o economista Edmar Bacha e o bamba da Letras Italo Moriconi, ensaísta e professor, analisam a narrativa que fez de Torres um titã, cinco décadas atrás. Mas, antes, nesta conversa, o prosador vindo lá da Bahia fala de seu modo de escrever.

Como você descreveria o sol que banha a Junco imaginária de “Essa Terra”?

Antônio Torres - Não conseguiria descrevê-lo melhor do que o capixaba Carlinhos Oliveira, que entrou para a história do Rio como um carioquíssimo cronista. Para ele, o personagem principal do “Essa Terra” era o sol, que raia, ilumina, banha, arde em todas as suas páginas.

De que maneira o “Essa Terra” permitiu que você mergulhasse no Nordeste a partir de uma subjetividade que não se conhecia em nossa prosa?

O Nordeste ao fundo do “Essa Terra” é um cenário real para um drama mítico e trágico. Comecei a escrevê-lo em São Paulo, mas foi no Rio que ele ganhou corpo e forma, depois de duas viagens ao interior da Bahia, em busca da memória que o seu povo teria daquele que iria me servir de personagem: o imigrante que, depois de muito ir e vir, acabou dando fim à própria vida ao enlaçar o seu pescoço numa corda. Como ninguém queria tocar nesse assunto,

achei que havia perdido a história. Até perceber que muito pelo contrário: a negação dos fatos é que era o fato principal. Reescrevi um capítulo por lá mesmo, comecei outro numa cidade mais adiante, e continuei num quarto de hotel na capital, Salvador. Do princípio ao fim, esse vai e vem durou dois anos e meio, chegando ao ponto final no dia 31 de julho de 1975, com a voz de uma tia muito querida aos meus ouvidos: “Eu passei um mês inteiro bebendo chá de casca de laranja para dormir e esquecer daquele homem, e você agora quer me lembrar tudo de novo? Pelo amor de Deus, não me faça uma desgraça dessa!” Bota subjetividade nisso...

De que forma aqueles personagens abriram caminhos para a obra que você erigiu a partir do primeiro romance? O povo de “Essa Terra” já te assombrou?

“Essa Terra” acabou gerando uma trilogia, com “O Cachorro e o Lobo” e “Pelo Fundo da Agulha”. Estes três romances foram aglutinados recentemente pela Record num só volume, intitula-



Fernando Rabello/Divulgação

“Viagem foi o que não me faltou em todo o processo criativo dessa trilogia. Para fora e para dentro de mim mesmo”

do “Trilogia Brasil”. Mas sim: fui assombrado, e muito, pela imagem do suicida que puxa toda a história, a ponto de recorrer à psicanálise. Ou seja: viagem foi o que não me faltou em todo o processo criativo dessa trilogia. Para fora e para dentro de mim mesmo.

Como se deu o processo de publicação de “Essa Terra”, nos anos 1970, e que cenário do mercado leitor você encontrou em sua estreia?

A minha estreia literária aconteceu em 1972, com o ro-

mance “Um Cão Uivando Para A Lua”, que causou um grande impacto na crítica (“revelação do ano” etc.) e no público, chegando a frequentar listas de best-sellers. No embalo, veio “Os Homens Dos Pés Redondos”, que não deixou a peteca cair - muito pelo contrário. O “Essa Terra” foi o meu terceiro romance, e também o terceiro livro a ser publicado, em 1976, pela Editora Ática, de São Paulo, numa coleção intitulada Nosso Tempo, criada por Jiro Takahashi, com uma tiragem inicial de trinta mil exemplares. Isto na sequência de “O Pirotecnico Zacarias”, de Murilo Rubião, e “A Morte de D. J. em Paris”, de Roberto Drummond, ambos de contos. Logo, o cenário do mercado editorial que encontrei foi o mais alvissareiro possível. Um exemplo: o “Essa Terra” se revezava nas listas dos mais vendidos com “A Festa”, de Ivan Ângelo, que também acaba de ter uma edição comemorativa dos seus 50 anos. Aliás, salve, ele!

O que significa apresentar esse livro hoje ao Brasil que escreve via IA?

Significa que para a Editora Record esse livro continua vivo. Permita-me lembrar que o que estamos apresentando aqui é a trigésima edição do “Essa Terra”, e isto no formato padrão, pois há mais quatro edições pela BestBolso, assim como houve uma com ótima tiragem pelo Clube do Livro de São Paulo e mais outra na já referida “Trilogia Brasil”. Sem contar edições mundo afora, de Cuba ao Vietnã. Está para sair uma edição na Índia. Sou de uma geração muito bem lida (de Moacyr Scliar, em Porto Alegre, a Márcio Souza, em Manaus) e agora vejo outra indo mais longe ainda, puxada por campeões de venda como Ana Maria Gonçalves, Itamar Vieira Júnior, Carla Madeira, Socorro Acioli, Raphael Montes, Jeferson Tenório, Aline Bei... O que significa que a literatura brasileira está vivíssima.

Qual o autor que mais influenciou a escrita de “Essa Terra”?

Aquele de quem tirei a seguinte epígrafe: “As batalhas nunca se ganham. Nem sequer são travadas. O campo de batalha só revela ao homem a sua própria loucura e desespero, e a vitória não é mais do que uma ilusão de filósofos e loucos”. William Faulkner, em “O som e a fúria”.

Que novos livros estão em gestação na tua cabeça?

Se eu contar sobre um que já me ronda, ele se dará por escrito. Logo, mudemos de assunto.

vemviver + educação

Crescendo e aprendendo.

A educação está em tudo, é para todos e começa no desenvolvimento das infâncias. Aqui no Sesc RJ, temos escolas de educação infantil, o Centro de Referência em Educação Inclusiva (CREI), programações no contraturno escolar, cursos de idiomas, pré-vestibular e atividades que unem arte, ciência e tecnologia. Aprender é o primeiro passo para transformar.

Vem viver o Sesc RJ.



Baixe o app
+Sesc RJ
e saiba mais.

Douglas Lopes



Dois de Janeiro

Paisagem, memória e os imaginários

Fábrica Bhering recebe a primeira individual do fotógrafo Douglas Lopes realizada fora do Complexo da Maré

AFFONSO NUNES

Douglas Lopes imprime em tecido fotografias de corpos em movimento e pendura cada uma por cabos de aço. São 13 imagens de alunos do Núcleo de Formação em Dança do Centro de Arte da Maré que, sobrepostas, formam “Círculo de fogo” (2026), instalação inédita em cartaz na Fábrica Bhering, no Santo Cristo. “Gosto de brincar com o fogo e da conexão entre a luz do fogo e a fotografia”, conta Lopes, para quem “Entre a favela, o inferno e o céu” é a primeira individual fora do Complexo da Maré, onde nasceu, vive e trabalha.

Com curadoria de Vinicius Mesquita, a mostra reúne séries de uma pesquisa que Lopes desenvolve desde 2013. Em sua fotografia, os moradores de comunidades não são objeto de observação, mas protagonistas de suas próprias histórias. A exposição integra um projeto contemplado pelo Programa de Inovação Social, Tecnológica e Ambiental (Pista), da Faperj, que concede ao fotógrafo bolsa de dois anos e prevê livro e o relançamento da plataforma digital, rebatizada Estúdio Maré. Em “Dois de janeiro” (2018),



Nas águas desta baía há muito tempo



Yaya



Beleza Extraordinária



Tudo que habita é luz



Douglas Lopes

panorama de 36 x 110 centímetros, um arco-íris duplo registrado no mesmo 2 de janeiro, em dois anos consecutivos, liga visualmente duas comunidades sob controle de grupos rivais. Em “Nas águas desta baía há muito tempo” (2024), título de livro de Nei Lopes, o preto e branco registra o antigo Pier Maria Angu, na Favela da Kelson, que já foi pros-

pero e segue como ponto de pesca e lazer apesar da poluição. “Itaparica e Vera Cruz” (2022) amplia a pesquisa para além do Rio, com 400 x 60 centímetros sobre a Baía de Todos-os-Santos, palco da Batalha de Itaparica, de 1823.

“Yaya” (2016) empilha caixotes de plástico azul e laranja do Ceasa, com a palavra Yaya na lateral — a

repetição cria unidade escultórica. No tríptico “Tudo que habita é luz” (2025), paisagens de favelas se dispõem em composição vertical; ao centro, um menino leva o bastão do Reisado do Maracatu. E “Beleza extraordinária” (2021) registra uma rua antes movimentada, hoje deserta, com lixo acumulado — Lopes destrincha texturas e contrastes a

partir do ordinário: aves, nuvens, luz, asfalto e resíduos.

Fora das artes visuais, Lopes assinou a direção de fotografia da série “Marielle – O Documentário” (Globoplay) e do curta “Unifavela – o ENEM, a favela e o Coronavírus”, vencedor do Prêmio ABMES. Em 2023, foi um dos dois brasileiros indicados ao MAST Photography Grant on Industry and Work, em Bolonha, escolhido por Sergio Burgi, do Instituto Moreira Salles, e Tatiana Altberg. Fotógrafo e professor na Lona Cultural da Maré entre 2013 e 2017, integrou o jornal comunitário Maré de Notícias e trabalha desde 2013 com a Redes da Maré.

SERVIÇO

ENTRE A FAVELA, O INFERNO E O CÉU

Fábrica Bhering (Rua Orestes, 28, 5º andar, Santo Cristo)
Ate 18/2/2027, de segunda a sábado (9h às 18h) |Grátis